



Museu Regional
Paredes de Coura

CÂMARA MUNICIPAL DE PAREDES DE COURA

INSTITUTO PORTUGUÊS DE MUSEUS
REDE PORTUGUESA DE MUSEUS

Património
Arqueológico



Edição
Museu Regional de Paredes de Coura
Rua Aquilino Ribeiro 4940 Paredes de Coura
Telefone | 251 780 122 Fax | 251 780 120

Coordenação científica
Fátima Matos Silva

Textos
Fátima Matos Silva
Carlos Gouveia da Silva

Fotografia
Fátima Matos Silva
Carlos Gouveia da Silva

Design gráfico
XIS 77- Comunicação e Imagem, Lda.

Impressão
Gráfica Casa dos Rapazes

Tiragem
3 000 exemplares

Propriedade



Câmara Municipal de Paredes de Coura

Co-financiado



Instituto Português de Museus
Rede Portuguesa de Museus



Património

Arqueológico

Arqueológico

A evolução do povoamento na bacia superior do rio Coura:



Rio Coura

das origens à Idade Média

A presença humana no território que corresponde ao actual concelho de Paredes de Coura - área geograficamente coincidente com a bacia superior do rio Coura - remonta ao Paleolítico, primeiro e mais longo período da Pré-História. Organizado em pequenos grupos nómadas, o homem explora amplos territórios

Milhares de anos mais tarde, no Neolítico, opera-se uma alteração irreversível no modo de vida das comunidades humanas, por via das transformações registadas a nível económico e social: o homem passa de nómada a sedentário, prendendo-se à terra da qual depende.

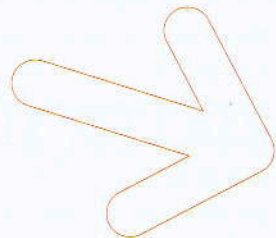
Tradicionalmente difundido pela técnica de polimento dos uten-

situados nas proximidades de cursos de água, caça, pesca, recolhe o que a Natureza lhe oferece, utilizando instrumentos de pedra lascada, madeira e osso. **Bifaces** encontrados nos lugares da Mó (Parada) e Sigoelos (Ferreira) documentam esta ocupação, que se regista, quase sempre, em níveis de terraço do rio Coura.



Biface

sílios de pedra, o Neolítico é, acima de tudo, caracterizado pela emergência de uma economia baseada na agricultura e na pastorícia, com reflexos no domínio tecnológico e social. O arroteamento dos campos para a agricultura passa a exigir novos instrumentos, como machados, enxós (ambos fixados a um cabo de madeira), goivas, lâminas de sílex, razoavelmente difundidos na bacia superior do Coura.



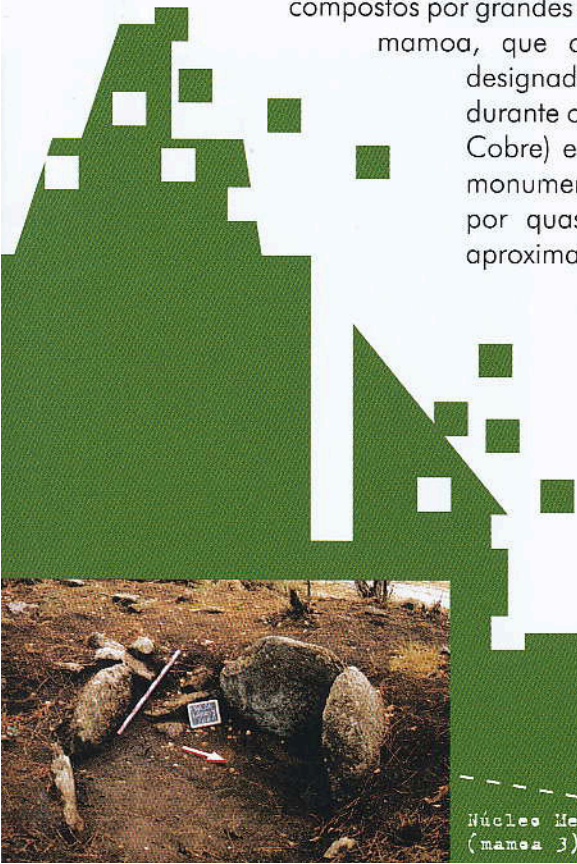
Feixa



A vida organiza-se em aldeias, predominantemente situadas em regiões férteis. A terra passa a estar no centro de um novo universo sagrado. As preocupações com o Além e a demarcação física e simbólica dos territórios explorados por cada comunidade manifestam-se na construção de antas - monumentos funerários colectivos compostos por grandes lajes de pedra e cobertos por uma

mamoa, que constituem o fenómeno cultural designado por Megalitismo. Construídos durante o Neolítico, o Calcolítico (Idade do Cobre) e parte da Idade do Bronze, estes monumentos aparecem-nos disseminados por quase todo o concelho, num total aproximado de cinquenta, sobretudo nas

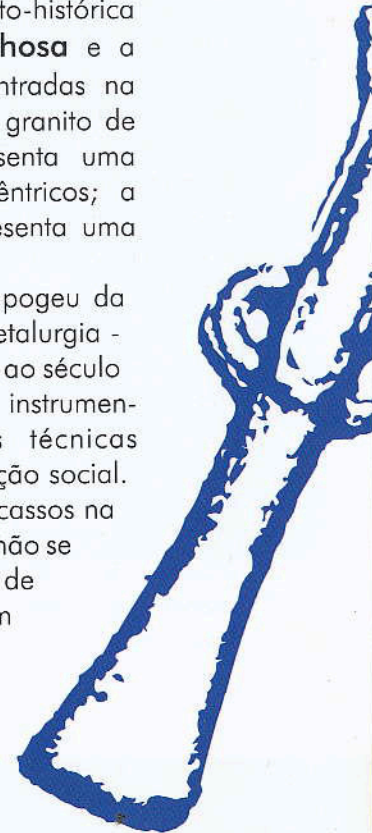
freguesias situadas em zonas de maior altitude. As principais concentrações registam-se na Serra de Bico (ver **Antela da Cruz Vermelha**), em **Chã de Lamas** (Vascões), na Serra da Boulhosa (Insalde) e em Porreiras.



Núcleo Megalítico de Chã de Lamas (mamoa 3)

Os períodos de transição Neolítico Final/Calcolítico e Calcolítico/Idade do Bronze produzem, também, nesta região, duas manifestações artísticas de primordial importância no contexto da arte pré e proto-histórica nacional: a **Estela Insculturada da Boulhosa** e a **Estela Menir da Boulhosa**, ambas encontradas na freguesia de Insalde. A primeira, uma laje de granito de configuração rectangular, insculturada, apresenta uma decoração geométrica de rectângulos concêntricos; a segunda, uma laje também em granito, representa uma figura humana provavelmente feminina.

Ao Calcolítico - período que marca o apogeu da arquitectura megalítica e o aparecimento da metalurgia - segue-se a Idade do Bronze (finais do 3º milénio ao século VIII a.C.), caracterizada pela diversificação dos instrumentos, resultante do aperfeiçoamento das técnicas metalúrgicas, e por uma acentuada transformação social. Os vestígios de ocupação deste período são escassos na bacia superior do rio Coura. Contudo, embora não se possa apontar, com alguma certeza, a existência de qualquer povoado (o Alto da Coguluda, em Insalde, apresenta fortes possibilidades de ter sido ocupado nesta altura), conhecem-se alguns instrumentos característicos desta época, nomeadamente catorze **machados de bronze** - oito encontrados no monte do Castelo, em Formariz, três na base do monte de S. Sebastião, em Cristelo, e três no Alto da Coguluda, em Insalde. São machados de talão, bifaces, de dois anéis, sem qualquer vestígio de uso, e evidenciam, muito provavelmente, um fabrico regional.



O domínio da metalurgia do ferro deu início a uma nova fase (Idade do Ferro, 900 a.C. à 2ª metade do séc. I d.C) que virá a introduzir transformações no mundo mediterrânico e europeu, proporcionando uma superioridade técnica que conduzirá a consideráveis modificações no comportamento social.

Na bacia superior do rio Coura, tal como em grande parte do noroeste peninsular, a expressão cultural mais significativa deste período caracteriza-se pela emergência de um povoamento organizado em habitats fortificados - os chamados castros -, implantados em relevos proeminentes, com boas condições de defesa e visibilidade. Intervenções arqueológicas efectuadas em povoados fortificados de **Cossourado**, Romarigães e Cristelo (no concelho de Paredes de Coura estão inventariados mais treze sítios arqueológicos desta época) colocaram à superfície construções habitacionais, de serviços e de defesa edificadas por sociedades de características agro-pastoris, mas também economicamente dependentes da exploração de recursos naturais. A cultura material que delas chegou até nós apresenta-se relativamente homogénea, predominando os artefactos e utensílios de pedra (ver **tríscele de Favais**) e cerâmica. Os metais - maioritariamente bronze - são escassos e surgem quase sempre associados a objectos de ornamentação pessoal e de prestígio (fíbulas, braceletes, pendentis, alfinetes de toucado, punhais).

Cividade de Romarigães



Estrutura habitacional no Castro de Cristelo



Reconstituição histórica ao vivo no povoado fortificado de Cossourado. Cestaria

Com a chegada dos exércitos romanos à região, no século I a.C., os usos e costumes tendem a uniformizar-se gradualmente, apesar da resistência das tradições indígenas à nova ideologia veiculada por Roma. As vias de comunicação rapidamente se estendem a toda a península, formando uma extensa rede por onde circulam exércitos, mercadorias, impostos e um novo modelo de vida. É o caso da 19ª Via do Itinerário Antonino ou IV Via Militar Romana que, atravessando as freguesias de Romarigães, Rubiães e Cossourado, ligava as cidades de *Bracara Augusta* (Braga) e *Asturica Augusta* (Astorga). Dela nos restam importantes legados, concretamente um dos arcos da **ponte de Rubiães** (toda ela romana, inicialmente) e dezasseis **miliários**, colunas cilíndricas de granito que, colocadas à margem da via, indicavam, entre outros elementos, a distância em milhas em relação à cidade de Braga.



Miliário dedicado ao Imperador Caracala. Adro da Igreja de Rubiães



Miliário dedicado ao Imperador Augusto
Lugar de Castro - Rubiães

ENT • FASSET
COMPTON
COMPTON
A • L • NV
COMPTON

Deste mesmo período cronológico são também as aras (de Lizouros, Rubiães e Cristelo), os numismas (sobretudo o tesouro monetário da Lameira, Bico) e inúmero espólio cerâmico de utilização doméstica, armazenamento e construção. O aparecimento de bastante material deste último tipo (tégula, ímbrice, tijolo) em áreas de grande fertilidade do solo, juntamente com fragmentos de colunas cilíndricas, bases e capitéis, comprova a existência de villae (explorações agrícolas) neste concelho, como, por exemplo, a situada na freguesia de Ferreira, junto à Igreja Paroquial.

A Idade Média traz consigo o fervor religioso e o aumento das peregrinações a lugares santos. Santiago de Compostela, na Galiza, torna-se, nesta altura, no maior destino de milhares de peregrinos. Cresce, assim, um fenómeno religioso e cultural que conduz à revitalização de muitas das vias construídas no período romano e à recuperação de pontes entretanto degradadas, tal como sucedeu em Paredes de Coura. À passagem do século XIII, ergue-se, na freguesia de Rubiães e à face deste itinerário medieval, uma Igreja Românica dedicada a S. Pedro. Apesar das transformações nela operadas posteriormente, converter-se-á, com o decorrer dos anos, num dos ex-libris do património concelhio e num dos significativos exemplares do Românico do Alto-Minho.



Treço utilizado pelos peregrinos a Santiago - Aqualenga

REFERÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS



Fichas Técnicas



1

Designação Bifaces

2

Cronologia Paleolítico Inferior (Acheulense)

3

Local de achamento Lugar da Mó, Parada

4

Depósito Museu Regional de Paredes de Coura

Descrição

5

Conjunto de quatro bifaces, dois de formato ovalado e outros dois de formato amigdalóide, elaborados em quartzito rolado de proveniência fluvial, encontrados num vale de perfil suave. Característicos do período Acheulense e geralmente considerados os mais antigos e universais dos instrumentos humanos, os bifaces eram talhados para serem utilizados com a mão em funções muito variadas.

1 Designação Estela Insculturada da Boulhosa

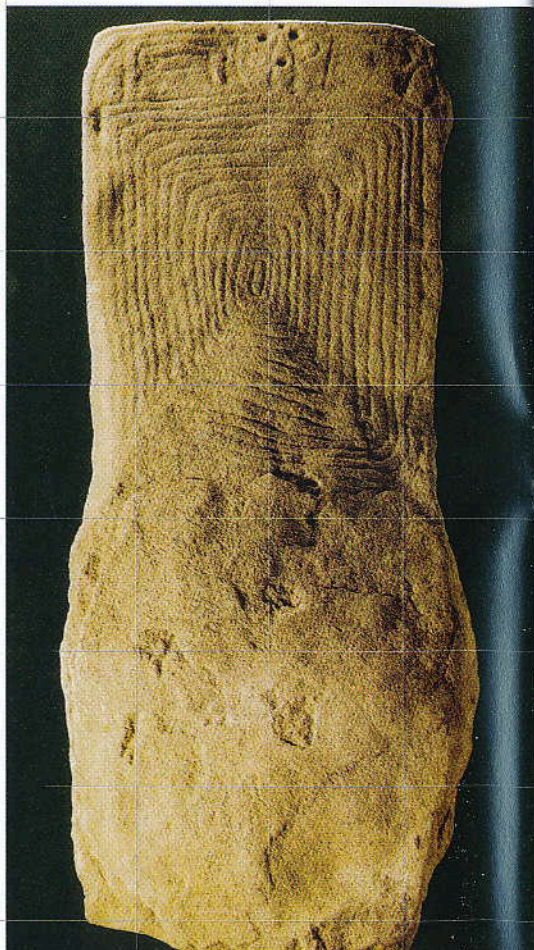
2 Cronologia Neolítico Final/Calcolítico

3 Local de achamento Casal, Serra da Boulhosa, Insalde

4 Depósito Museu Nacional de Arqueologia
(réplica no Museu Regional de Paredes de Coura)

Descrição

5 Laje de granito, insculturada, encontrada, nos finais do séc. XIX ou inícios do séc. XX, num local onde abundavam monumentos funerários megalíticos. Com cerca de 180 cm de altura e 74 cm de largura máxima, esteve intencional e parcialmente enterrada, em posição vertical, com uma função que se desconhece. A superfície insculturada divide-se em duas partes distintas. A primeira apresenta uma figura eventualmente antropomórfica, definida por várias linhas e fossetes, de onde partem outras linhas que definem, de um lado, figuras rectangulares e, do outro, a estilização de um instrumento encabado. A segunda parte, unida à primeira por duas linhas externas, é composta por quinze rectângulos concêntricos.



1 Designação Estela Menir da Boulhosa

2 Cronologia Calcolítico/Idade do Bronze

3 Local de achamento Serra da Boulhosa, Insalde

4 Depósito Museu Nacional de Arqueologia
(réplica no Museu Regional de Paredes de Coura)

Descrição

5 Encontrada em data anterior a 1905, esta estela menir, elaborada em granito de grão-fino extraído na região, apresenta uma configuração antropomórfica, onde se evidenciam, de forma esquemática e tosca, diversos atributos físicos humanos, concretamente cabeça, olhos, ombros e tronco. A presença de seis semi-círculos, unanimemente interpretados como colares, e a ausência de armas reforçam a ideia mais consensual de que se trata de uma figura feminina.



1

Designação

Núcleo Megalítico de Chã de Lamas

2

Cronologia

Neolítico/Calcolítico

3

Localização

Colónia Agrícola de Chã de Lamas, Vascões



4

Descrição

Núcleo composto por cinco mamoadas - estruturas de forma geralmente arredondada e secção semicircular, constituídas por terra e pedras, que cobrem os monumentos funerários megalíticos. Implantadas numa extensa chã, próximo da Lagoa da Salgueirinha, as mamoadas apresentam - exceptuando a M3 - grandes dimensões e vestígios de couraça pétrea. Apesar de todas elas terem sofrido acções de violação ao longo dos tempos, os monumentos 1 e 5 evidenciam, à superfície, topos de alguns esteios. Em 1881, Narcizo A. Cunha e Pestana de Vasconcelos escavaram a M3, tendo posto a descoberto uma câmara funerária constituída por cinco lajes.

1

Designação

Antela da Cruz Vermelha

2

Cronologia

Neolítico/Calcolítico

3

Localização

Cruz Vermelha, Bico (integrada na Área de Paisagem Protegida de Corno de Bico)



4

Descrição

Pequena anta com uma câmara poligonal, constituída por oito esteios graníticos, sem tampa. O esteio de cabeceira, um monólito natural afeiçoado *in situ*, apresenta, na face interior, uma cruz insculpida e, sobre si, uma outra cruz de cimento, vermelha, com 80 cm, de construção relativamente recente. Os outros sete esteios, de pequenas dimensões, estão algo fragmentados e deslocados das suas posições de origem.

1

Designação Machados de Bronze

2

Cronologia Idade do Bronze (Bronze Final)

3

Local de achamento Castelo, Formariz

4

Depósito Museu Nacional de Arqueologia
(réplicas no Museu Regional de Paredes de Coura)

5

Descrição

Conjunto formado por oito machados de talão, bifaces, com dois anéis, encontrados no monte do Castelo, na margem direita do rio Coura. Elaborados em molde, conservam, na extremidade oposta ao gume, o cone de fundição, que documenta a sua não utilização. A sua funcionalidade permanece, por isso, ainda indeterminada. Alguns investigadores defendem, porém, que estes objectos, intencionalmente escondidos em lugares de difícil achamento - os designados "esconderijos de fundidor" - destinar-se-iam a servir como moeda de troca e/ou como elemento de prestígio pessoal.



1

Designação Povoado Fortificado de Cossourado

2

Cronologia Idade do Ferro

3

Localização Forte da Cidade, Cossourado

Descrição

4

Povoado de grandes dimensões dominado por um forte sistema defensivo constituído por três linhas de muralhas. Na plataforma superior, um vasto núcleo habitacional formado por construções de planta circular e alongada, com funções distintas, desenvolve-se em torno de um torreão central que terá funcionado como posto de vigia. Recentemente, um projecto de conservação, restauro e reconstituição de estruturas, complementado com acções de sinalização e divulgação, valorizou o povoado e respectivas condições de visita.



1 Designação **Tríscele de Favais**

2 Cronologia **Idade do Ferro**

3 Local de achamento **Favais, Moselos**

4 Depósito **Museu Regional de Paredes de Coura**

5 Descrição

Peça de formato subrectangular, com decoração em tríscele *dextrorsum* (ângulos dos braços apontando para a esquerda mas girando à direita) envolto em círculo irregular. Para além de embelezar o lar, provavelmente inserido na parede de uma habitação *castreja*, representará um motivo com carácter simbólico-religioso, relacionado com os símbolos astrais, nomeadamente o sol, testemunhando, por isso, um culto heliolátrico.

1 Designação **Miliários de Antas**

2 Cronologia **Época romana**

3 Localização **Antas, Rubiães**

4 Descrição

Conjunto formado por seis miliários que, colocados originalmente à margem da via romana, indicavam, em milhas (*millia passum*), a distância em relação à capital de província mais próxima (Braga). Para além de outros elementos, as epígrafes neles gravadas indicam o nome dos imperadores vigentes na época da sua construção, no presente caso Nerva (97 d.C.), Maximino e Máximo (235 a 238 d.C.), Maximino Daia (305 a 313 d.C.), Magnêncio (350 a 353 d.c.) e Juliano (360 a 363 d.C.) - um não possui epígrafe. Dois dos miliários sustentam o alpendre da Capela de S. Bartolomeu.



Ponte Romano-Medieval de Rubiães

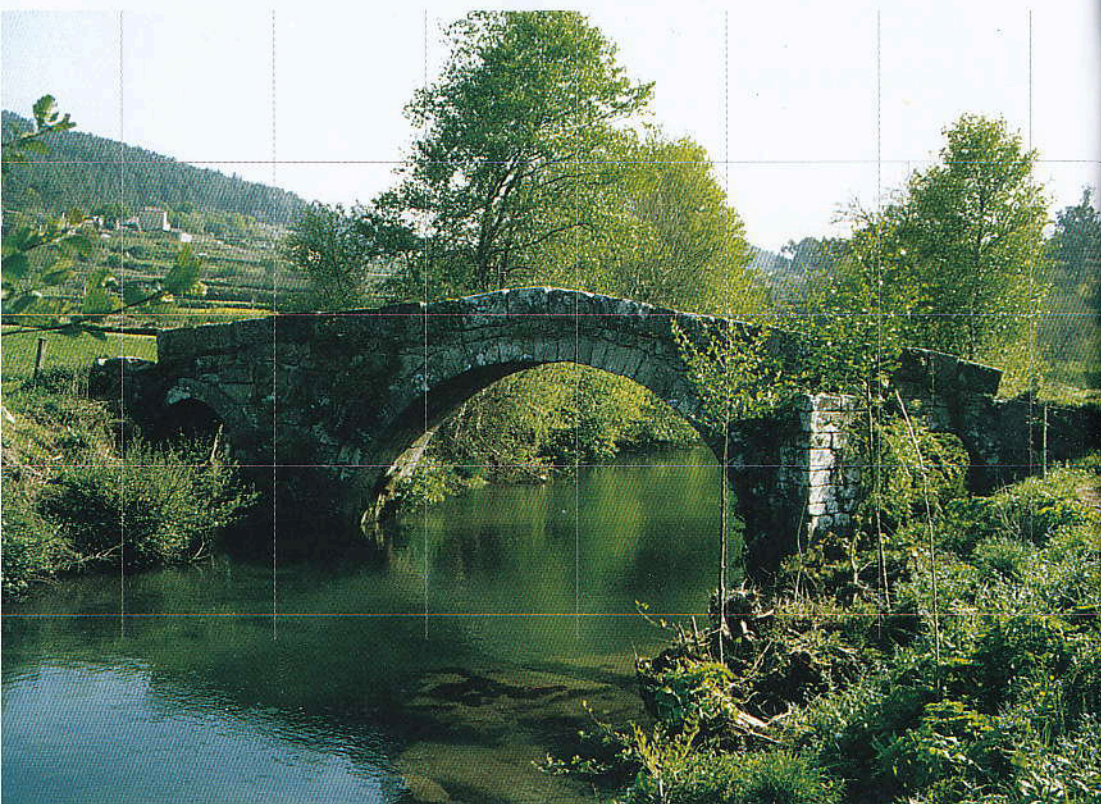
1 Designação

2 Cronologia

Época romana/Idade Média

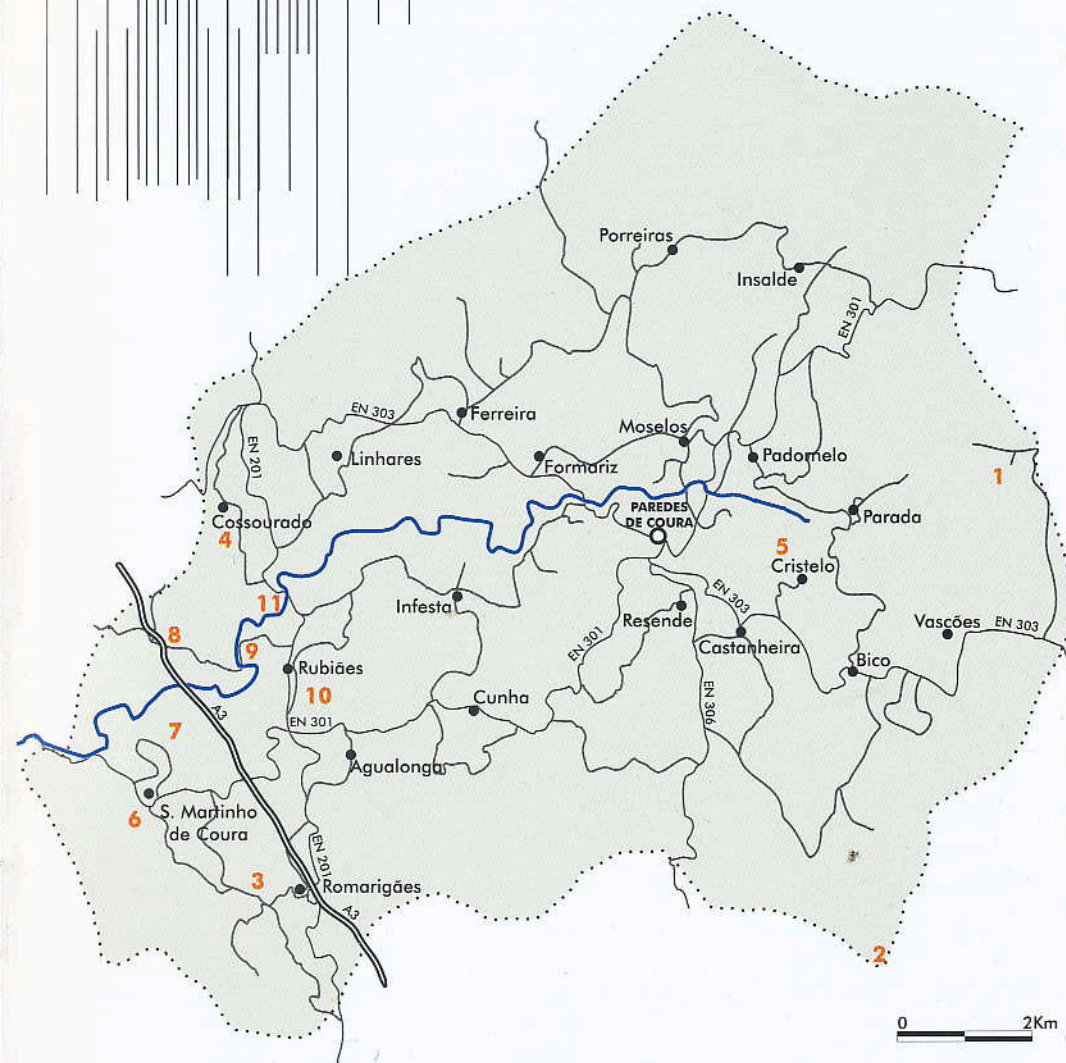
3 Localização

Peorada, Rubiães



4 Descrição

Ponte com tabuleiro em cavalete assente sobre três arcos, maior o central, e com um talha-mar a montante. Possui guardas e pavimento formado por grandes lajes graníticas. Por ela passava a 19ª Via do Itinerário Antonino ou IV Via Militar Romana e, mais tarde, o caminho medieval de peregrinação a Santiago de Compostela. De ambos os lados conserva troços visíveis destes itinerários.



Rede Viária de Acesso aos Principais Sítios Arqueológicos

- | | |
|---------------------------------------|--|
| 1 Núcleo Megalítico de Chã de Lamas | 7 Miliário de Fonte de Olho |
| 2 Antela da Cruz Vermelha | 8 Miliários de Antas |
| 3 Cidade de Romarigães | 9 Miliários da Quinta do Crasto |
| 4 Cidade de Cossourado | 10 Miliário e Igreja Românica de Rubiães |
| 5 Castro de Cristelo | 11 Ponte Romano-Medieval de Rubiães |
| 6 Miliário de Barreiros | |